

**LUANDA E FEIRA DE SANTANA: UMA COMPARAÇÃO LINGUÍSTICA NA
VARIÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL DE NÚMERO COM OS VERBOS
TER E HAVER EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS**
Nathalia dos Santos Dantas¹; Silvana Silva de Farias Araujo².

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduada em Licenciatura em Letras com Inglês, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nathi.ndantas@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: silvana.uefs.2014@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Verbos *ter* e *haver*; Sociolinguística; Feira de Santana - Angola

INTRODUÇÃO

Buscando reafirmar a importância de estudos comparativos que englobem variações do português que não sejam a europeia, privilegiada por tantas outras pesquisas, e focalizando assim, no estudo de uma variação de indiscutível influência no português brasileiro, como é o caso do português africano, realizou-se na presente pesquisa um estudo comparativo entre o Português falado em Luanda – Angola e em Feira de Santana – Bahia. A pesquisa pautou, inicialmente, o fenômeno da concordância verbal de número dos verbos *ter* e *haver*, quando empregados em construções existenciais, com o sintagma nominal seguinte ao verbo (objeto direto), porém, após termos nos deparado com o uso majoritário destas formas verbais no singular, o objeto de estudo da pesquisa foi redirecionado para a investigação da variação entre os verbos *ter* e *haver* e em quais estruturas ocorria esta variação. Assim sendo, a pesquisa buscou contribuir de forma clara para a discussão sobre formação do português brasileiro, salientando a importância do contato linguístico para esta formação, visto que, ao contrário de pesquisas que relacionam o português europeu (PE) e a sua variação brasileira (PB), as pesquisas que relacionam a variação brasileira e angolana são escassas, e com o adendo da investigação linguística em uma cidade brasileira a pesquisa tornou-se mais rica e completa.

METODOLOGIA

Adotou-se o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística, também denominada Sociolinguística Quantitativa, com base nas formulações de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) e Labov (2008 [1972]). Esse foi o modelo adotado em função de ser considerado teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição de uma comunidade de fala numa perspectiva Variacionista.

Os dados da pesquisa foram levantados em entrevistas sociolinguísticas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), gravados na região urbana do município de Luanda, capital de Angola e também a capital da Província com o mesmo nome, Luanda. Tais dados encontravam-se previamente analisados ao começo deste segundo ano de pesquisa desenvolvido.

Os dados que constituíram o *corpus* feirense da pesquisa foram levantados em vinte e quatro entrevistas, pertencentes ao acervo do Projeto *Em busca das raízes do português brasileiro*¹ ao qual o Projeto “A concordância verbal em Luanda-Angola: elementos para a discussão sobre a formação do português brasileiro (RESOLUÇÃO

¹ Projeto Em busca das raízes do português brasileiro. Informações disponíveis em: <<http://www2.uefs.br/nelp/angola/index.html>>. Acesso em 29. mar.2014.

CONSEPE 058/2014 - 18/07/2014)” está vinculado. Ambos os projetos estão sediados no Núcleo de estudos da língua Portuguesa (NELP) da UEFS.

As entrevistas de Feira de Santana foram estratificadas e subdivididas da seguinte forma: sexo, faixa etária e escolaridade. Após o levantamento das ocorrências nas entrevistas e seleção das variantes (2 linguísticas e 3 socioculturais), foi utilizada chave de codificação dos dados. Com os dados já codificados, ficou a cargo do programa computacional GoldVarb X (SANKOFF, *et al.*, 2005) a realização do tratamento quantitativo das ocorrências encontradas. Após coleta dos resultados emitidos pelo programa supracitado, a análise destes dados coube ao pesquisador.

RESULTADOS

Procedeu-se a uma pesquisa em torno dos verbos *ter* e *haver*, com o objetivo inicial de investigar em quais tipos de estruturas ocorriam as formas verbais com esses dois verbos no português feirense, visto que os dados do português luandense já encontravam-se analisados. Foram consideradas as seguintes estruturas:

Quadro 1: Estruturas investigadas acerca do uso dos verbos *ter* e *haver* no português feirense

Estruturas investigadas acerca da variação dos verbos <i>ter</i> e <i>haver</i>
Posse
Tempo composto
Modal
Funcional
Existencial
Tempo decorrido

A distribuição dos dados é apresentada a seguir. Como se observa na tabela 1, apenas nas estruturas existenciais e existenciais indicando tempo decorrido verifica-se um processo de variação estruturada com regras, de fato, variáveis. No entanto, por se tratar de uma pesquisa comparativa, considerou-se coerente focalizar de maneira mais aprofundada a variação em comum das duas variações do português (existencial).

Tabela 1: Verbos *ter* e *haver* no português feirense em diferentes tipos de estruturas

	<i>Ter</i>		<i>Haver</i>	
	N de ocor./Total	Percentual	N de ocor./Total	Percentual
Posse	983/983	100%	0/983	0%
Tempo composto	100/100	100%	0/100	0%
Modal	273/273	100%	0/273	0%
Funcional	54/54	100%	0/54	0%
Existencial	981/1040	94%	59/1040	6%
Tempo decorrido	35/66	53%	31/66	47%

Dos grupos controlados neste estudo, todos foram selecionados pelo Goldvarb X como relevantes para a implementação do verbo *ter* existencial. O *input* inicial de aplicação da regra de *ter* existencial foi 0,42, o *input* final foi 0,41, o nível de significância foi 0,001 e o *log likelihood* foi -228.952. A seguir, será apresentada (seguindo a ordem das variáveis controladas) a discussão dos resultados encontrados no

português feirense com comparações aos resultados previamente analisados do português de Luanda. Começando com as variáveis linguísticas, temos:

Tempo verbal

Os resultados de Feira de Santana apontam para um maior favorecimento da forma verbal *ter* nos tempos verbais presente e pretérito imperfeito, alinhando-se ao português falado em Luanda apenas em um destes tempos verbais (pretérito imperfeito). As pesquisas realizadas em ambas as cidades destoam do que demonstra a literatura de Callou e Avelar (2000, p.91), que constatam que construções no passado favorecem o uso da forma verbal *haver*. Porém, vale ressaltar que, corroborando com a pesquisa de Marins (2013, p. 69), a qual afirma o favorecimento da norma *haver* no pretérito perfeito, os resultados da variação feirense divergirão dos encontrados na variação luandense, pois, ao passo que no primeiro há um desfavorecimento do uso do *ter*, no segundo o favorecimento se mostra bastante acentuado. Portanto, em uma mesma variável, ora o PL e o PF se aproximam ora se afastam.

Natureza do argumento interno

Embora tal variável tenha sido descartada pelo Golvarb X dos estudos com o português luandense por motivos de relevância, na variação feirense os resultados demonstram um favorecimento da forma verbal *ter* quando o argumento interno possui valor semântico de lugar (espaço físico) ou humano, e expressam o desfavorecimento de tal forma verbal em estruturas com argumento interno de valor abstrato e evento (nesta última o verbo *ter* poderia ser substituído pelo verbo *acontecer*).

Sexo

Ao examinar os resultados obtidos com esta variável, pode-se afirmar um favorecimento da forma verbal mais inovadora *ter* por falantes do sexo feminino, algo que contraria a literatura de SCHERRE e NARO (1998) que, ao se referir à variação linguística no sexo feminino, afirma que as mulheres, por “quebrarem” menos as regras sociais estabelecidas, são, em particular, mais sensíveis às normas de prestígio.

Escolaridade

O controle da variável escolaridade revelou um comportamento diferenciado no uso dos verbos *ter* e *haver* a depender da escolaridade do informante. A partir da interpretação dos resultados, foi possível dizer que esta variável aproxima as duas variações do português, visto que tanto no português feirense, quanto no português luandense, o favorecimento da forma verbal *ter* ocorre apenas entre os falantes de escolaridade baixa ou nula, corroborando também com a tese sob a qual tal variável foi controlada.

Faixa etária

Por meio do controle desta variável é possível traçar uma projeção histórica, baseada no binômio *variação-mudança*, acerca do fenômeno de variação em questão. Acerca dos dados observou-se que, na variação feirense, o uso da forma verbal *ter* é favorecido nas faixas I e III, enquanto na variação luandense, este favorecimento se concentra nas faixas I e II (sendo mais acentuado entre falantes da faixa mais jovem). Portanto, sugere-se que, enquanto os dados do português luandense insinuam uma *mudança em progresso* (concorrência entre as variantes, com tendência de permanência de apenas uma delas), os dados do português feirense, por sua vez, refletem uma *variação estável* (coexistência de formas intercambiáveis no sistema linguístico).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dados e das variantes controladas no presente estudo, é possível constatar que ora o português feirense se aproxima do luandense, ora ele se afasta. Retirando os exemplos das próprias análises feitas, pode-se destacar 3 variáveis que atuam na variação: a primeira diz respeito à variável *faixa etária*, nesta variável pode-se constatar um afastamento completo acerca da interpretação dos resultados, visto que, enquanto os resultados do português luandense sugerem uma *mudança em curso*, os do português feirense já sugerem uma *variação estável*; contudo, apenas futuras pesquisas possibilitarão investigar se a *mudança em curso* luandense resultará, posteriormente, em uma *variação estável* também. A segunda já demonstra uma sincronia das variações pesquisadas, tratando-se da variável *escolaridade*, pôde-se constatar que tanto no português luandense quanto o feirense favorecem o uso da forma verbal *ter* quando se trata de falantes de baixa (ou nula) escolaridade. O terceiro exemplo, que diz respeito à variável *tempo verbal*, nos demonstra a complexidade da comparação destas duas variações, ao passo em que, na mesma variável, o português falado em Feira se Santana se aproxima e se afasta do português falado em Luanda e da literatura.

REFERÊNCIAS

CALLOU, Dinah Maria Isensee; AVELAR, Juanito Ornelas de. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá* (UFF), UFF, v. 9, p. 85-100, 2000.

LABOV, William. 2008. **Padrões sociolinguísticos**, Tradução M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso, São Paulo, Parábola Editorial.

MARINS, Juliana Esposito. *Ter, haver e existir: a representação do sujeito pronominal nas construções existenciais numa perspectiva diacrônica*. 2013. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: Computer program*. Department of Linguistics, University of Toronto, Canada. Disponível em <http://individual.ca/tagliamonte/goldvarb/GV_index.htm. 2005> Acesso em: 26. jul. 2017.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Attidel XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università Di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

Weinreich, Uriel, William Labov e Marvin Herzog. 2006 [1968]. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**, Tradução de M. Bagno; revisão técnica C. A. Faraco; posfácio de M. da C. Paiva e M. E. L. Duarte, São Paulo, Parábola Editorial.